

BIBLIOGRAFIA

ESTUDOS SOBRE O PRECONCEITO DE CÔR NO BRASIL

As pesquisas recentemente patrocinadas pelo Departamento de Ciências Sociais da Unesco forneceram ensejo para uma formulação sociológica das questões referentes às relações raciais — ou, mais especificadamente, do problema do preconceito de côr — no Brasil.

Alguns estudos anteriormente realizados entre nós já haviam evidenciado a importância do assunto. Referimo-nos especialmente ao trabalho do prof. Donald Pierson¹, esforço de caracterização geral da situação na Bahia, e às pesquisas dos profs. Virginia Leone Bicudo, Roger Bastide e Oracy Nogueira, que apontaram aspectos importantes da questão².

A preocupação de definir a situação brasileira nos termos de outras situações de contacto racial levava o prof. Donald Pierson a acentuar principalmente a inexistência de segregação e "casta" nas nossas atuais condições de ajustamento inter-racial. Assim, por exemplo, a mobilidade vertical de indivíduos de côr se processa, entre nós, não apenas nos limites do "mundo negro", como sucede nos EE. UU., mas com referência aos quadros da comunidade total. Sua pesquisa deixou, entretanto, patenteada para o leitor a atribuição de um status coletivo inferior para o grupo de côr, cujos elementos precisam reunir forte soma de características ordinariamente associadas aos grupos de status sócio-econômico superior para "corrigir", **individualmente**, uma classificação categórica devida à côr. Assim, no próprio processo de competição que se faz, embora, nos quadros da comunidade total, os indivíduos de côr entram com um "handicap" constituído por tôdas as representações negativas, já cristalizadas mesmo em ditados e expressões correntes, todos os padrões que fazem medir o status pela distância conservada com relação ao elemento de côr, cuja grande concentração efetiva na base da hierarquia de ocupações só vem reforçar a identificação "pele escura — status inferior"; é levando em conta tal identificação do meio que esse sociólogo reduz o preconceito de côr ao de classe, redução, aliás, pouco fecunda para a investigação dos aspectos específicos do fenômeno.

O trabalho do prof. Thales de Azevedo³ e a pesquisa efetuada sob a orientação do prof. Charles Wagley⁴, realizados sob os auspícios da Unesco, permitiram a ampliação do conhecimento da situação racial baiana.

O primeiro desses trabalhos, sobre as elites de côr, pôs em destaque certos aspectos da mobilidade vertical de elementos de côr num meio (Salvador-Bahia) em que a própria composição demográfica favorecerá o aparecimento do fenômeno numa escala maior que a verificada em outras partes do Brasil. Dos fatos relatados pelo A. infere-se que uma série de tensões ocultas na acomodação geral põe-se em relêvo quando se acompanha o processo da ascensão social; de um lado, tôda uma variedade de resistências encontradas, ligadas à situação de côr, — de outro, fortes motivações para o prosseguimento da ascensão, representadas pela possibilidade de superar uma classificação categórica inferior que se revela implacável quando coincidem status baixo e côr escura. Atingidos os altos graus da hierarquia, os elementos de côr ainda encontram da parte dos brancos da própria classe uma expectativa diferencial com relação ao seu comportamento. Gozam, todavia de maior oportunidade, não só para "branquear-se" socialmente, como mesmo para "branquear" fisicamente sua descendência, através de casamentos mistos — preocupação que vem avolumar frustrações e conflitos decorrentes da hipervalorização, inclusive estética, do branco (e da

branca) e rejeição do preto (e da preta) numa sociedade de dominação branca. Note-se, todavia, que se trata de tensões que, pelo próprio caráter da situação (tentativa de penetração no grupo branco e conseqüente abandono do grupo de cor) são ocultadas pelos indivíduos atingidos e, portanto, não encontram veículo coletivo de expressão.

No trabalho do prof. Charles Wagley e colaboradores foi estudada a situação racial em quatro comunidades rurais — três baianas e uma amazônica. Nessa pesquisa foi deixada de lado, definitivamente, a preocupação de considerar a situação brasileira nos termos de outras situações de contacto já conhecidas — abordagem que aliás terá contribuído para confirmar a idéia da inexistência de "preconceito racial" (que no Brasil é principalmente "preconceito de cor") entre nós. Note-se que essa última idéia representaria, para os próprios autores do trabalho que examinamos, uma forte prenoção que só a evidência do convívio com a situação de fato conseguiu vencer. Como escreve um dos coautores:

"Por mais que desejemos crer na ausência de preconceito racial no Brasil, por força temos que constatar que em Minas Velhas:

- 1 — estão muito desenvolvidos os estereótipos raciais.
- 2 — êsses estereótipos se classificam segundo uma escala de valores,
- 3 — o negro se situa no nível mais baixo,
- 4 — o branco se situa no nível mais elevado." ⁵

E', naturalmente, possível a discrepância entre o comportamento "ideal" e o efetivo, ou seja, nos casos de discrepância entre o status grupal (baixo) e o individual (adquirido por elemento de cor altamente colocado socialmente) o tratamento dispensado pode ser determinado antes pelo status individual que pelo grupal. Assim, entre os elementos que definem, de acordo com os autores, o status individual (raça, fortuna, instrução, profissão) a cor escura entraria como "handicap" de certa forma superável. Entretanto, a existência de um comportamento diferencial com relação aos elementos de cor, dentro da mesma classe; o fato de tenderem os membros da comunidade, de maneira geral, a considerar-se mais claros do que os julgaria o observador; bem como a manifestação, entre os "branqueados", de um temor constante de serem incluídos no grupo de cor, — são elucidativos com relação à importância assumida pelo preconceito nas comunidades rurais do norte.

Nas situações estudadas pelos autores, a cor escura corresponde efetivamente a um status sócio-econômico inferior. À medida, porém, supõem os autores, que essa ascensão se fizer em maior escala, aumentarão as resistências encontradas pelos elementos de cor, agravando-se, assim, as tensões raciais. Essa extrapolação é pouco significativa, a nosso ver, uma vez que não são considerados, nessa prefiguração das novas situações, aspectos como, por exemplo, os referentes ao caráter da ascensão, ao grau de desenvolvimento da solidariedade grupal, à constituição de canais de protesto, etc.

Os trabalhos realizados no Rio de Janeiro e em S. Paulo permitiram observar situações em que, diversamente das estudadas até aqui, se constituíram movimentos de solidariedade grupal com base na cor.

Em "O negro no Rio de Janeiro — Relações de raças numa sociedade em mudança" o prof. L. A. Costa Pinto propôs-se o exame da atual posição sócio-econômica do elemento de cor no Distrito Federal, e a indicação das tendências dos ajustamentos inter-raciais. Na abundância de informações e fatos significativos está a principal contribuição do trabalho. Já sua formulação sistemática é menos satisfatória. A própria noção de preconceito, confinado pelo A. às situações de competição, resultou extremamente estreitada ⁶; e a referência às posições de "escravo" e "proletário" como típicas da situação ante e post-abolicionista, respectivamente, é insuficiente para a apreensão dos problemas específicos da população de cor em centros urbanos, onde o negro só muito recentemente chegou a enquadrar-se, como operário, no sistema de trabalho urbano.

Com base em dados censitários (demográficos, econômicos, educacionais, etc.) mostrou o A. que também no Rio, onde representa 30% da população total, a população de cor se concentra ainda na parte inferior da hierarquia de classes. Constatou ainda a concentração da mulher preta no emprego de doméstica e a elevadíssima participação de elementos de cor na composição dos moradores das favelas. A

aplicação, entre estudantes de curso secundário, do questionário de distância social de Bogardus evidenciou, também na amostra estudada, forte discriminação com relação ao casamento inter-étnico (maior ainda com referência aos pretos que aos mulatos) ⁷. Note-se, aliás, que em outros trabalhos entre nós realizados foi possível constatar, mesmo em resposta **positivas** ao quesito, inclusive em alguns casos de casamento misto **efetuado**, a presença do preconceito nas considerações e sentimentos de informantes e cônjuges ⁸. Quanto ao problema de miscegenação em geral, que se efetuou em grande escala fora do casamento, o A. contribuiu para chamar a atenção para a posição de inferioridade da mulher de côr dentro da situação ⁹. A pesquisa apontou também a existência de um sentimento de hostilidade com relação ao mulato, mais acentuado que o dirigido contra o preto — o que decorreria, segundo o A., do fato de serem **efetivamente** abertas aos mulatos maiores oportunidades de penetração no grupo branco ¹⁰.

É característica da atual situação racial nos grandes centros urbanos a formação de um novo tipo de elites negras e a emergência de condições que permitem serem já discutidos com naturalidade, dentro do próprio grupo, diversos problemas relativos à cor. Ao contrário das elites cujos membros visavam "branquear-se" individualmente, as do novo tipo apresentam intensa consciência grupal, a ponto de elaborarem uma ideologia da "negritude", que o A. interpreta como resposta a angústias específicas de camadas que, embora em ascensão, se sentem rejeitadas devido à côr. Na ideologia da "negritude" critica êle a presença de uma série de estereótipos relativos aos pretos — naturalmente colocados em novo contexto tendente a promover a elevação da auto-estima. Examina também os grupos negros de orientação assistencial e de combate ao preconceito, sempre tendo em vista sua adequação ao objetivo de eliminar a situação de inferioridade do homem de côr.

O A. identifica os interesses do elemento de côr com os da classe em que se concentra — e subordina a eliminação do preconceito à abolição de uma estrutura em que o preto ocupa situação especialmente desvantajosa ¹¹. Essa, supõe êle, seria a posição que, diversamente do negro da classe média, estaria assumindo o das classes inferiores. (O A. não aborda os problemas referentes à emergência de um "grupo portador" dessa idéia — a "ascensão do negro-massa" — grupo êsse que pode incluir elementos da classe média e intelectuais). Não parece justificar-se seu pressuposto de que tal posição **decorre**, principalmente, da situação **existencial** dos elementos de côr das classes inferiores. A própria atitude que o A. descreve como sendo a do "negro-massa", em contraposição ao da classe média (o negro-massa "repeliria o preconceito como uma afronta pessoal", "encará-lo-ia face a face" com a "dignidade do homem do povo") pode ser compreensível como conceitualização de uma **posição a ser adotada**, mas nas nossas presentes relações inter-raciais não parece que seja típica, se considerarmos a questão de maneira empírica. As pesquisas realizadas revelaram, por exemplo, os mecanismos pelos quais o preconceito desenvolve insidiosamente o sentimento de inferioridade no "preto pobre" e torna crucial para o "mulato pobre" a preocupação de não ser confundido com preto ¹² — são elementos que qualquer abordagem objetiva da questão não pode deixar de levar em conta.

Na pesquisa orientada pelos profs. Roger Bastide e Florestan Fernandes ¹³, os autores se propuseram o estudo da formação, exteriorização, integração à cultura, função social e transformação do preconceito de côr, objetivando o mais amplo conhecimento da situação global em que o preconceito se insere. Acompanharam assim o fenômeno, desde sua formação na ordem social escravocrata, até sua presente transformação, nas condições atuais de enquadramento do preto no sistema urbano. Para isso, apresentaram a história sócio-econômica do trabalho negro em S. Paulo, ¹⁴ desde a sua introdução (em progressiva substituição ao braço índio) e dominação exclusiva na grande lavoura, até sua perda de posição no sistema de trabalho, depois da abolição e da introdução de grandes massas de imigrantes — situação essa que só recentemente encontrou condições de modificação. Na estrutura escravocrata, as diferenças de situação econômica e de posição social eram igualmente significativas quando consideradas em termos de raça e côr; mesmo porque a própria massa de forros e libertos, gravitando econômica e socialmente em torno da família patriarcal, não destruía a associação da côr escura da pele a uma condição social ínfima. Ao

mesmo tempo que servia para exprimir simbolicamente a distância que existia entre as duas camadas, a *côr* servia como fonte de justificação e legitimação da conduta dos senhores. Deslocado do sistema de trabalho depois da abolição, permaneceu o elemento de *côr* numa posição sócio-econômico que favorecia seja a perpetuação dos estereótipos negativos, seja o funcionamento da etiqueta anteriormente elaborada numa base de acomodação. Essa situação só atualmente passou a sofrer alterações, tendendo o preconceito a transformar-se, seja no sentido de diminuir sua força inibidora sobre o comportamento dos negros, dada a progressiva passagem do fenômeno para a esfera da reflexão racional, seja no sentido de assumir, com a quebra da etiqueta antiga, uma expressão mais ostensiva nos grupos em que tende a se perpetuar, como símbolo de status (real ou compensatório) e como meio de defasa econômica.¹⁵

De passagem, apresentamos algumas considerações que talvez contribuam para elucidar o processo do deslocamento do elemento de *côr* no mercado de trabalho de S. Paulo, à chegada do imigrante. Referindo-se à não participação do preto liberto no sistema de trabalho urbano da Capital do Estado, dizem os autores que os ex-escravos, abandonados a si mesmos não estariam "em condições de competir com os imigrantes europeus sequer na lavoura"¹⁶. A mão de obra nacional, em geral, não estaria, segundo eles, tecnicamente adestrada para a execução do trabalho urbano, o que contribuiria, inclusive, para explicar o tardio desenvolvimento da indústria em S. Paulo¹⁷. Ora, o não desenvolvimento da indústria (mais especificadamente, da indústria têxtil) local, anteriormente a 1870 deveu-se antes às condições de ordem comercial — a própria fábrica pioneira do município de Sorocaba, a cujo fracasso se referem os autores, chegou a funcionar por algum tempo,¹⁸ tendo, portanto, o pessoal de que dispunha sido, inclusive, capaz de montar as máquinas importadas. Ademais, embora o elemento nacional não estivesse obviamente em condições de fornecer técnicos, a indústria incipiente não exigia, em geral, habilitação de seu pessoal operário constituído em grande escala de moças e crianças de 5 anos inclusive. Se mesmo assim foi tão elevada a participação relativa do elemento estrangeiro (aliás, geralmente egresso da lavoura cafeeira)¹⁹ no artesanato e indústria de S. Paulo, o problema, a nosso ver, é antes de ordem sócio-cultural. "O brasileiro se viu envolvido no processo de urbanização e industrialização, no último quartel do século passado, em presença do imigrante que constituía um grupo já selecionado no sentido de um incentivo para a acumulação capitalista"²⁰ (o trabalho — de mulheres e crianças, principalmente — na indústria, representava seja um suprimento suplementar, seja uma etapa inicial). "O brasileiro, que sempre trabalhara em ritmo marcado pela economia de consumo"²¹, além do mais sobrecarregado de representações pejorativas com relação ao trabalho disciplinado, teve a sua participação naturalmente restringida, em consequência²². Quanto ao elemento de *côr*, que fôra o trabalhador quase único, uma vez liberto e quebrada a disciplina anterior, adotava com relação ao trabalho a atitude do grupo livre ao qual passava a pertencer. Nesse sentido, sua incorporação à economia urbana em presença do imigrante, apresentou — além de problemas psico-sócio-culturais específicos vistos com acuidade pelos autores — aspectos análogos aos observados com referência ao elemento nacional em geral. A posição desvantajosa do ex-escravo como do elemento brasileiro em geral, em face do imigrante, não se deveu, pois, a nosso ver, essencialmente a motivos relacionados com a habilidade profissional.

Depois de analisar os mecanismos tendentes a preservar a personalidade-status do negro, examinaram os autores as condições atuais em que se processa o enquadramento do elemento de *côr* no sistema de trabalho urbano e se constitui uma classe média negra. Focalizaram, entre outros aspectos, os problemas ligados à elaboração, no meio negro, de ideais puritanos e de valorização do trabalho (como reação aos estereótipos negativos, reforçados pelo estado de anomia a que se viu reduzida a população de *côr*), tendo em vista o aproveitamento das oportunidades abertas com o arrefecimento da imigração e a expansão da urbanização e industrialização. O alargamento atual dos círculos de convivência entre pretos e brancos embora não acarrete a eliminação do preconceito, permite-lhe, segundo os autores, assumir novas formas e, principalmente, eleva-lo à esfera da reflexão racional, do próprio branco inclusive. Igualmente, a formação de elites negras (não "branqueadas") estimula a ex-

pressão — pela imprensa e através de movimentos diversos — do protesto contra o preconceito, o que contribui para criar atmosfera propícia à discussão livre, em meios negros e não negros, de um problema até então encoberto.

A presente série, especialmente o trabalho que por último examinamos, significa um marco decisivo no estudo sociológico do problema do preconceito de cor no Brasil.

NOTAS

1) Pierson, Donald — Brancos e Pretos na Bahia, Companhia Editora Nacional, 1945.

2) Bicudo, Virginia L. — Atitudes raciais de pretos e mulatos em S. Paulo, in *Sociologia*, vol. IX, n. 3, 1947;

Bastide, Roger — A imprensa negra no Estado de S. Paulo, in *Estudos Afro-Brasileiros*, 2a. série, Bol. CXXI da Fac. de Filosofia USP, S. Paulo, 1951, e *Estereótipos de negros através da literatura brasileira*, in *Estudos Afro-Brasileiros*, 3a. série, Bol. 154 da Fac. Filosofia USP, S. Paulo, 1953;

Nogueira, Oracy — Atitude desfavorável de alguns comerciantes de S. Paulo em relação aos empregados de cor, in *Sociologia*, vol. IV, n. 4, 1942.

Encontra-se também algum material sociográfico sobre o assunto no trabalho "Inquérito sobre a posição social do negro em três municípios paulistas" (trabalho coletivo realizado pela Escola Normal de Pirassununga, sob a direção da profa. Aracy Ferreira Leite, in *Sociologia*, vol. II, n. 1, 1940.

Naturalmente, obras como as de Gilberto Freyre ("Casa Grande & Senzala" e "Sobrados e Mucambos", por exemplo) embora não focalizem especialmente o problema do preconceito no quadro das relações inter-raciais, fornecem, entretanto, subsídios valiosos para o estudo do fenômeno.

3) Azevedo, Thales — Les élites de couleur dans une ville brésilienne (na edição em francês) — Unesco, 1953.

4) Wagley, Charles — (enquête effectuée sous la direction de) — Races et classes dans le Brésil rural (na edição em francês) — Unesco

5) Harris, Marvin — Les relations raciales à Minas Velhas, communauté rurale de la région montagneuse du Brésil Central — in Wagley, Charles, op. cit. pág. 60.

6) Referindo-se à situação ante e post-abolicionista, escreve o A. — Naquela estrutura de relações, e enquanto os seus traços fundamentais permaneceram mesmo depois de juridicamente abolidos, nunca houve lugar para o preconceito racial porque as posições sociais estavam bem definidas e aparentemente tão imutáveis que a função de mecanismo de defesa de situações ameaçadas que o preconceito geralmente tem, não tinha, então, nem cabimento nem razão de ser" — Costa Pinto, L. A. — O negro no Rio de Janeiro, relações de raças numa sociedade em mudança, Rio de Janeiro, 1953, pág. 219 do exemplar datilografado pertencente à Faculdade de Filosofia, USP. O trecho citado demonstra como a redução do preconceito a uma das formas que assume dificulta ao A. a apreensão do fenômeno em situações de acomodação.

7) Encontra-se este aspecto estudado em todos os trabalhos aqui examinados; cf. também Martuscelli, Carolina, — Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, grupos "raciais" e grupos regionais em S. Paulo — in *Psicologia*, n. 3, Bol. CXIX da Fac. Filosofia, USP, S. Paulo, 1950.

8) Já se chamou a atenção sobre o estímulo que o inter-casamento de italianas e pretos, na zona rural de S. Paulo, recebia das relações raciais assimétricas, vantajosas para a branca ("o negro tem apenas carinho e ternura para com a sua branca, não a deixa trabalhar fora de casa" — Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, III, Anhembi, julho de 1953, capítulo redigido por Roger Bastide), cf. no mesmo sentido as respostas positivas ao quesito "inter-casamento", apresentadas em "Inquérito sobre a posição social do negro em três municípios paulistas", cit.

9) Para uma análise ampla da questão, cf. Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, II, Anhembi, junho de 1953, capítulo redigido por Florestan Fernandes.

10) Para um confronto de resultados, v. Bicudo, Virginia Leone, *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, VI, Atitude dos alunos dos grupos escolares em relação à cor dos seus colegas, Anhembi, outubro de 1953.*

11) Naturalmente, não vamos discutir agora a hipótese da preservação do preconceito numa nova estrutura, transformadas sua função e forma de manifestação.

12) Cf. Bicudo, Virginia L. — *Atitudes raciais de pretos e mulatos em S. Paulo, cit.*

13) Bastide, Roger e Fernandes, Florestan — *O preconceito racial em S. Paulo (projeto de estudo) — publicações do Instituto de Administração; Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, Anhembi, 1953 — conhecemos, até o presente momento, a parte do trabalho publicada no meses de maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro.*

14) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, I e II, Anhembi 1953, maio e junho, capítulos redigidos por Florestan Fernandes.*

15) Bastide, Roger e Fernandes, Florestan — *O preconceito racial em S. Paulo (projeto de estudo), pág. 22.*

16) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, Anhembi I, maio de 1953, pág. 475.* Não vamos analisar agora as circunstâncias em que o abolicionismo imigracionista, de que Couty foi um dos porta-vozes, passou a veicular a idéia da menor rentabilidade do trabalho escravo e, por extensão, do trabalho negro em geral; cumpre, porém, lembrar que foi longo o processo de ajustamento do imigrante ao trabalho de uma lavoura para a qual não vinha habilitado.

17) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, I, Anhembi, maio de 1953, pág. 477 inclusive notas 134 e 135.*

18) Cf. Canabrava, A. P. — *O desenvolvimento da cultura do algodão na Província de S. Paulo (1861-1875), pg. 280.*

19) *Sobre a vinda de operários europeus diretamente para uma fábrica de S. Paulo, cf. Livro de Ouro do Estado de S. Paulo, pág. 184.* Essa forma de recrutamento de mão de obra, porém, só se deu excepcionalmente.

20) Beiguelman, Paula e Simão, Azis — *Formação do Operariado em S. Paulo, inédito.* Com referência à composição do operariado, cf. também Bandeira Jr., A. F. — *A Indústria no Estado de S. Paulo em 1901, S. Paulo, 1902.*

21) Beiguelman, Paula e Simão, Azis — *inéd., cit.*

22) No interior do Estado de S. Paulo, porém, em cidades de menor concentração de imigrantes, o grupo nacional encontrou condições mais favoráveis para o seu enquadramento naturalmente dentro das oportunidades existentes (Beiguelman, Paula e Simão, Azis. inéd., cit.).

Paula Beiguelman

*

PAUL RIVET: As origens do homem. 44 págs. Separata dos n.os 24 e 25 de "Anhembi", nov. e dez. de 1952. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. Secção de Publicações.

O fascículo é a síntese de um curso de paleoantropologia realizado em 1952 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Se outro mérito não tivesse, caber-lhe-ia pelo menos o de ser a primeira tentativa de dar ao leitor brasileiro sem grande aparato terminológico uma visão sumária do estado atual de nossos conhecimentos do homem fóssil. É evidente que a limitação do espaço obrigou o autor a selecionar determinados aspectos em prejuízo de outros, que lhe pareceram talvez de secundária importância. Isto não o impediu de tratar o assunto de maneira pessoal e de formular hipótese original sobre a classificação das formas humanas do quaternário em suas relações com as raças ou troncos atuais.

Admitindo embora a origem monogenética da humanidade, Rivet — a título de hipótese de trabalho, que ele próprio considera ousada — liga as formas recentes a duas linhagens, separadas uma da outra desde o quaternário inferior. A primeira começando pelo pitecantropo e sinantropo, passaria pelo Homo Heidelbergensis, pelos